



Estudo comparativo entre prisioneiras da Penitenciária Consuelo Nasser e o documentário “A solidão das mulheres na cadeia”

Maria Eduarda Oliveira (IC)*¹, Veralúcia Pinheiro (PQ)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS – UNUCSEH Nelson de Abreu Júnior.

Resumo: A atual sociedade, determinada pelo capitalismo, carrega em sua estrutura alguns fatores que impõe a distinção social de certos grupos, favorecidos em detrimento de outros. Um exemplo disso é o papel da mulher na sociedade, que historicamente foi inferiorizada ao ambiente doméstico e familiar, enquanto ao homem foi assegurada a vida pública, o que reflete até os dias atuais na vida social e no mercado de trabalho. O presente trabalho, analisa as condições das mulheres em situação de cárcere no âmbito da sociedade capitalista, tendo em vista as visões construídas acerca das presidiárias, bem como ao tratamento dado a elas no cárcere e após o cumprimento da pena. Nesse sentido, foi analisado de forma comparativa, as entrevistas realizadas na Penitenciária Consuelo Nasser, em Aparecida de Goiânia-GO, com o documentário “A solidão das mulheres na cadeia”, partindo da concepção do materialismo histórico-dialético, buscando identificar o estigma físico e simbólico acometido a essas mulheres em situação de cárcere.

Palavras-chave: Mulheres prisioneiras, Solidão, Documentário.

Introdução

O sistema capitalista organiza a sociedade a partir de uma rede de relações de poder das classes burguesas sobre as classes subalternas, que ocorre sobretudo na esfera social e econômica. Para assegurar essa estrutura, é imprescindível ao sistema o domínio sobre os trabalhadores, em um cenário no qual o capitalismo abrange os elementos da sociedade em sua dimensão de controle, e postula o ordenamento social a partir de suas premissas básicas, em que nesse processo histórico o feminino tendeu à inferioridade hierárquica em relação ao masculino.

Posto isto, o desenvolvimento deste trabalho partiu de uma revisão bibliográfica crítica de obras que trabalham a temática da mulher na sociedade capitalista, e da mulher em situação de cárcere. Na obra “Calibã e a Bruxa” (2017), de

¹ me.oliveira1@hotmail.com.





Silvia Federici, são discutidas as questões de gênero, onde a autora analisa historicamente o sexismo como importante pauta política para a construção da sociedade capitalista. Em “Neoliberalismo e criminalização da pobreza” (2007), Paula Amorim trabalha as transformações na atuação do Estado frente às questões sociais, em que a classe dominante ressignifica a criminalidade, de forma que esta não interfira na estrutura da sociedade capitalista.

Nesse sentido, para realizar este projeto foram realizadas leituras e análises do papel da mulher na sociedade capitalista, sobretudo as mulheres inseridas em uma situação de cárcere, a partir da análise comparativa e complementar entre as entrevistas feitas às prisioneiras da Penitenciária Consuelo Nasser, devidamente analisado e aprovado pelo Comitê de Ética da UEG, e o documentário “A solidão das mulheres na cadeia”.

Material e Métodos

O presente estudo foi desenvolvido em parceria com o projeto “A mulher privada de liberdade: sistema carcerário e violência”, com intuito de analisar e compreender a realidade das mulheres no sistema carcerário, no contexto do capitalismo. Para tanto, partiu-se de uma revisão bibliográfica acerca da situação da mulher na sociedade, abrangendo as categorias de violência, controle e punição, paralelo a mecanismos construídos historicamente para sustentar o domínio do sistema sobre as camadas populares. Com isso, foi analisado o documentário “A solidão das mulheres na cadeia”, de forma comparativa e ao mesmo tempo complementar às entrevistas das prisioneiras da Penitenciária Consuelo Nasser, no sentido de fornecer elementos que possam somar à compreensão do fenômeno analisado e do contexto social, cultural e econômico dessas mulheres.

Resultados e Discussão

A grande questão que atinge o cárcere feminino é o abandono e a solidão. As instituições penitenciárias estão inseridas no contexto da sociedade capitalista, e, logo, reproduzem as condições estruturais que atingem essa sociedade. Nesse





cenário, a sociedade que nos cerca é marcada por uma gama de elementos e valores ideológicos, construídos historicamente, a partir dos desdobramentos que moldaram as relações sociais e os meios de produção aos padrões econômicos do capitalismo.

Assim, a estrutura da sociedade foi hierarquizada, de forma a eleger uma divisão de classes sociais pautadas nos preceitos econômicos, em que poucos indivíduos passaram a ter controle sobre os modos de produção e, por conseguinte, nos modos de vida da sociedade. Tratamos aqui de um tipo de distinção social, que tem uma raiz histórica ainda mais antiga que as contradições existentes entre as classes sociais, que atinge diretamente as mulheres. As relações de dominação do masculino sobre o feminino, na esfera doméstica e em toda a dimensão social, pode ser remontada desde os antigos, que passaram por um processo de inserção do patriarcado como estrutura social, que conferiu aos homens o trabalho, a vida pública, e às mulheres os cuidados de casa e a vida doméstica.

Como ressalta Marx, as determinações biológico-sexuais, bem como as raciais, nacionais, entre outras, da divisão do trabalho, permaneceriam indefinidamente sob o capitalismo, pois a classe dominante que marca essa conjuntura, ou seja, a burguesia, sabe manejar bem essas determinações de forma a assegurar sua dominação de classe (BENOIT, 2000). Segundo Santos e Oliveira (2010), essa estrutura marcou uma maior apropriação pelos do poder político, bem como do poder de decisão sobre a vida da mulher, e, inclusive, sobre seu corpo. Esse processo resultou em diferentes formas de opressão, em que as mulheres foram submetidas às relações de dominação e violência. Portanto, enquanto um fenômeno histórico, a divisão social do trabalho, é também uma divisão sexual entre atribuições femininas e masculinas. Por partir diretamente da instituição familiar, esse pensamento, como ainda é recorrente no imaginário da sociedade brasileira, entende a família como um elemento supra-histórico, natural, sempre existente de forma idêntica. (MORAES, 2000).

Assim, o papel da mulher como “dona de casa”, mãe, cuidadora da família, e o do homem, como provedor, são concebidos ideologicamente como algo natural, e, portanto, inquestionável. Essa visão, remove a historicidade existente no processo de construção da família, e por isso, se mantém até os dias atuais, em que mesmo com





a mulher adentrando o mercado de trabalho e a vida política, conquistando novos espaços, tudo isso ocorre sob a mesma estrutura patriarcal.

Como ressalta o documentário analisado, a mulher presidiária, criminosa, é enxergada como alguém que transgrediu a lei em dois níveis: a lei penal, isto é, cometeu um crime ou descomprimiu algum princípio constituinte, algo que toda a sociedade está fadada, e a “lei moral” do senso comum, da mulher de família, sendo ela tratada tanto pela sociedade como pelos familiares com muito mais rigor que um presidiário do sexo masculino.

Tanto no documentário, quanto nas entrevistas, foram visualizados elementos que evidenciam essa dura realidade. Boa parte das mulheres em situação de cárcere, foram aprisionadas por crimes ligados a cônjuges, e posteriormente abandonadas pelos mesmos. Quando estes são presos, como evidencia o documentário, recebem visitas frequentes de suas parceiras, bem como de sua família. Agora, quando as mulheres são encarceradas, devido ao rompimento com a família, e com o modelo ideal de mulher que se espera, elas encontram a solidão. Como se não bastasse, essa dura realidade é ainda mais latente em casos de prisioneiras gestantes, que não possuem as perspectivas de uma mãe em situação de liberdade. A gestante em situação de cárcere, perde o privilégio de cuidar de seu próprio filho, e o laço entre mãe e filho, quando não rompido, é mantido por uma linha tênue, da qual depende diretamente dos cuidados da família dessa mulher, ou, em certos casos, do pai da criança.

Considerações Finais

Com a presente pesquisa foi possível visualizar alguns aspectos da condição da mulher presidiária no Brasil, podendo destacar a questão do abandono e solidão que se mostrou presente entre boa parte desse grupo, que constitui uma pequena parcela dos presidiários brasileiros, em sua maioria do sexo masculino, mas que vivenciam uma conjuntura alarmante e precária, evidenciada e intensificada pelo contexto do sistema capitalista.





Assim, as mulheres que se encontram em situação de cárcere no Brasil, encontra na sociedade e no presídio os resquícios do contexto capitalista pré-determinado, resultado de inúmeras transformações na sociedade, que evidenciam fatores que intensificam a situação dessas mulheres, que na situação de cárcere, são alvejadas pelo abandono e solidão, que também são frutos das desigualdades existentes no sistema capitalista, o que dificulta em muito o processo de inserção delas no convívio social e no mercado de trabalho.

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar à CNPQ, pelo fomento financeiro que contribuiu para o andamento e conclusão da presente pesquisa. Agradeço também à Universidade Estadual de Goiás e à professora Veralúcia Pinheiro, orientadora deste trabalho.

Referências

AMORIM, Paula Kapp. **Neoliberalismo e criminalização da pobreza**. Rio de Janeiro, 2007. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

BENOIT, Lelita Oliveira. Feminismo, gênero e revolução. **Crítica Marxista**, São Paulo, Boitempo, v.1, n. 11, 2000, p. 76-88.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FRASER, Nancy. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. **Mediações**, Londrina, v. 14, n.2, p. 11-33, Jul/Dez. 2009.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. Marxismo e feminismo: afinidades e diferenças. **Crítica Marxista**, São Paulo, Boitempo, v.1, n. 11, 2000, p. 89-97.

SANTOS, Silvana Mara de Moraes dos; OLIVEIRA, Leidiane. Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços. **Rev. Katál**. Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-19, jan-jun. 2010.

VIOLÊNCIA Encarcerada: a solidão das mulheres. O Globo. **Youtube**, 2019. 15 min 48 s. (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IvFjMTzHjgM>). Acesso em: 26 de maio de 2020.

